

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1980

ANTÓNIO JOÃO NUNES MONTEIRO

Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra

**DUAS INSCRIÇÕES INÉDITAS ENCONTRADAS EM SERPINS
(LOUSÃ)**

Conimbriga, xix, 1980, p. 163-172

RESUMO: Duas pequenas aras funerárias do século i d.C. encontradas em Serpins provêm de um local que pode ter sido castro romanizado. *Nomina e cognomina* merecem comentários do autor.

RÉSUMÉ: Deux inscriptions funéraires inédites du 1er siècle ap. J.C. ont été repérées par l'auteur dans l'église de Serpins, près de Lousã. Un des *cognomina*, FLAWS, est l'objet d'une recherche approfondie. D'après la carte de répartition, il se trouve surtout dans le nord et l'ouest de la Péninsule Ibérique.

(Página deixada propositadamente em branco)

DUAS INSCRIÇÕES INÉDITAS ENCONTRADAS EM SERPINS (LOUSÃ)

A igreja matriz da freguesia de Serpins, concelho da Lousã, ergue-se no cimo de um morro — o *Cabeço da Igreja* — rodeado a Leste, Norte e Oeste pelo rio Ceira, local estrategicamente indicado para a implantação de um *castrum*. Este facto chamou-nos desde logo a atenção, considerando que a existência do actual templo poderia muito provavelmente ser um indício da continuidade de povoamento ou, mais plausivelmente, o último estágio de uma sobreposição de cultos. Efectivamente, informar-nos-ia o P. António Maria Domingos, pároco de Serpins (*), terem surgido as fundações de uma «capela», quando das obras de reconstrução da actual igreja. Embora não tenham sido anotadas quaisquer medidas ou esboçada planta desses vestígios, houve o cuidado de guardar os numerosos azulejos, que então surgiram.

Posteriormente — haverá uns quatro anos — foram construídos uns barracões, junto à igreja, no local conhecido por *Cemitério Velho*. Muitas pedras daí saíram e se perderam, sem terem sido devidamente observadas. Segundo nos disseram, os garotos distraíam-se a fazê-las rebolar pela íngreme encosta até ao rio. Houve, porém, algumas peças que foram poupadas e se encontram hoje guardadas na casa paroquial frente à igreja. Tivemos a ventura de aí descobrir, além de duas cabeceiras de (*)

(*) Agradecemos-lhe as valiosas informações que nos forneceu e a possibilidade de estudarmos o espólio arqueológico que salvaguardou.

sepultura medievais, os fragmentos de duas pequenas aras funerárias romanas, de que damos notícia (2).

1 ■— O mais belo dos fragmentos (foto 1), cerca de metade do monumento, trabalhado num grés vermelho de grão fino, ostenta um capitel muito danificado e, no campo epigráfico, perfeitamente legíveis e bem conservadas, as duas primeiras linhas da inscrição. É ainda possível determinar o limite superior da terceira linha pelo vestígio, bem visível, da haste transversal da penúltima ou antepenúltima letra.

Dimensões (em centímetros): 24,5/21 X 24/17,5 X 13.

Sobre o que resta do campo epigráfico, com uma largura de 17,5 cm e uma altura máxima e mínima de 13 cm e 8 cm respectivamente, está gravado o seguinte texto:

L(*ucii*) GALLI(i) F/RONTO/[NIS ... E? *vel* F ?][...]
De Lúcio Gálio Frontão...

Altura das letras: 1.1 = 3,6; 1.2 = 3,8; 1.3 = 0,7 (o que resta). Espaços interlineares: 1 = 1,8; 2 = 1; 3 = 1,3.

As capitais foram desenhadas com bastante esmero e perfeitamente alinhadas. Na 1.1, o *A* encontra-se picado, talvez por ocasião do desenterramento, mas tal facto não dificulta a leitura. Na 1.2, a primeira letra — um *R* — deduz-se facilmente quer pela curvatura superior, que não foi abrangida pela fractura, quer pelo sentido; a terceira e quarta letras encontram-se em nexa (NT), certamente porque o *ordinator* pretendeu dar maior destaque ao *cognomen* e maior harmonia à disposição das letras. Este nexa forma um conjunto lelemente maior que as outras letras. Os *oo* são de uma perfeição extraordinária. A1. 3, impossível de reconstituir na sua totalidade, deduz-se pelo vestígio da penúltima ou antepenúltima letra um *E* ou um *F*.

O facto da identificação deste personagem ser feita através dos *tria nomina*, omitindo a filiação, pode ser tomado como indica-

(2) Estamos em dívida para com o Dr. José d'Encarnação, nosso mestre e amigo, pela orientação neste estudo e estímulo para a sua publicação.

tivo de se tratar de um liberto, nada desejoso de recordar a sua ascendência, ou de um peregrino.

O *nomen* GALLIUS aparece-nos, na Península Ibérica, seguido por vezes de *cognomen* latino, como neste caso; contudo, julgamos dever salientar a significativa percentagem de inscrições em que tal não se verifica: efectivamente, em pouco mais de uma dezena de inscrições recolhidas por Hiibner⁽³⁾, quatro delas apresentam este antropónimo seguido de *cognomina* não latinos, tratando-se, nalguns casos, de libertos. Este *nomen* é tipicamente latino, embora desconhecido nalgumas partes da Lusitânia ⁽⁴⁾: Untermann ⁽⁵⁾ notaria que o antropónimo GALLUS e os seus derivados — entre os quais se conta GALLIUS — só aparecem nas partes mais romanizadas da Península, ou seja, com maior incidência a sul, alguma dispersão ao longo da costa mediterrânica até Barcelona e na costa ocidental até ao rio Mondego.

O *cognomen* latino FRONTO é muito frequente na Península ⁽⁶⁾.

No respeitante à datação, julgamos pertencer este monumento ao séc. i d.C., atendendo ao perfeito tipo de letra e à omissão da fórmula D (*iis*) M [*anibus*] S(*acrum*).

2 — O segundo fragmento (foto 2) é também o que resta de outra pequena ara de proporções um pouco maiores que as do monumento atrás estudado. O material usado foi igualmente o grés vermelho de grão fino, certamente oriundo da mesma pedra (7). A parte superior desta ara encontra-se muito dani-

⁽³⁾ CIL II, p. 1063.

⁽⁴⁾ R. ETIENNE e G. FABRE, *Fouilles de Conimbriga*, II, Paris, 1976, p. 73.

⁽⁵⁾ UNTERMANN, Jürgen, *Elementos de un Atlas Antroponimico de La Hispania Antigua*, Madrid, 1965, mapa 41 (GALLUS), p. 111-112.

⁽⁶⁾ Ver mapa de distribuição em: Nelson Correia BORGES, «*Conimbriga*», XY, 1976, p. 120.

⁽⁷⁾ Acompanhou-nos nesta visita o nosso amigo António Duarte Sequeira, geólogo, a quem devemos a classificação dos materiais em que foram esculpidas estas aras, além de nos ter chamado a atenção para o facto das ombreiras da porta principal da igreja serem do mesmo tipo e características da rocha destes monumentos. Estas vieram de uma pedra em *Alveite Grande*, Olho Marinho, no concelho de Vila Nova de Polares.

ficada, sendo provável que apresentasse, inicialmente, duas pequenas volutas no capitel e, no topo, um fóculo, embora deste último não tenham subsistido quaisquer vestígios.

Dimensões: 28 X 29 X 17.

O que nos resta do campo epigráfico resume-se a um tosco quadrado de lados acidentalmente arredondados, com uma altura de 22,5 cm e 29 cm de largura. Embora a superfície desta ara se encontre mais maltratada que a anterior, são perfeitamente legíveis as duas primeiras linhas, deduzindo-se uma terceira pá}o vestígio superior de duas letras.

Leitura: FLAWS / LEPIDI F{Mus) / ...[A?R?] ...

Flavo, filho de Lépidio...

Altura das letras: 4,8. Espaços: 1 = 9; 2 = 2,5.

Foi a harmonia a principal preocupação do *ordinator*. As letras, quer da 1.1 quer da 1. 2 — e quase poderíamos dizer da 1. 3, observando atentamente os vestígios que dela restam — estão perfeitamente alinhadas e gravadas. Essa preocupação de harmonia é visível também na equidistância dos espaços interlineares bem posta em evidência na 1.2 onde o *D* fica como que isolado, a uma aparente equidistância dos *II* que o ladeiam, formando a palavra LEPIDI um todo com o *F* de *filius*, separado apenas por um bem distinto *punctus distinguens*.

Na 1.1, o *A* de FLAWS não apresenta a haste transversal, o que pode atestar a antiguidade deste monumento. Da 1. 3 nada mais nos resta que um pequeno vértice, 2 cm antes do vestígio da curvatura, provavelmente dum *R*. Inicialmente julgámos poder ler ANNORVM, ideia que afastámos por ser evidente a falta de espaço para tal número de letras; tratar-se-á da palavra MARITVS, não estando pois indicada a idade da personagem, como seria de esperar ?

A personagem é identificada apenas pelo *cognomen* FLAWS, seguido da filiação, o que nos prova tratar-se de um indígena romanizado. *Flavus* pode ser de origem celta, se atendermos a que urna

das suas variantes é FLAUS, considerado celta, que aparece em contextos indígenas (8). Aliás Kajanto (9) inclui *Flavus* entre os cognomes latinos, sublinhando porém a sua predominância na Península: 59 exemplos num total de 102 registados no conjunto do GIL. Em Conimbriga, uma importante inscrição (10 *) menciona a oficina de um indígena Flavo, onde teria sido preparado o monumento. Em Thamusida, no Norte de África, menciona-se, num diploma militar, *Flavus*, soldado da *Cohors II Hispana C. /?.*, natural da cidade austrígona de Virouesca, no norte da Península (11). A observação dos índices do CIL II (p. 1083) revela-nos como predominante a forma FLAVUS sobre todas as variantes numa proporção aproximada de 4 para 1. Se atentarmos na distribuição do antropónimo *Flavus* e seus derivados, na Península Ibérica (mapa anexo p. 3A), julgamos poder salientar uma predominância a norte do Tejo e a NW da Península, não obstante os cinco exemplos de Tarragona. Não deixa de ser significativa a sua ausência, quase total, nas zonas mais fortemente romanizadas, como o caso da Bética, onde, como vimos, *Gallus*, se encontra largamente representado. Não nos parece, pois, forçada a hipótese de que os locais onde estes dois antropónimos se encontram referenciados com evidência, correspondam a pontos da Península onde se verificaria um maior contacto dos povos com um maior índice de romanização com outros de características celtas ainda bem acentuadas. Assim, sobressaem-nos, como principais focos de intercâmbio: Conimbriga (incluindo a Lousã, relativamente próxima), a zona de Mérida e Tarragona. Quanto à área da Lousã, julgamos assentar a sua importância na existência das minas de ouro, comprovadamente exploradas pelos romanos (12).

(8) Ver José d'ENCARNAÇÃO, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* Lisboa, 1975, p. 323.

(9) I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 18, 37, 227.

(10) *Fouilles...*, II, n.º 21, p. 43-44.

(11) José Maria SOLANA SAINZ, *Austrigonia Romana*, Valladolid 1978, p. 206-208.

(12) Gfr. Jorge ALARCÃO, *Portugal Romano*, Lisboa, 1973, p. 123. Como reforço da nossa hipótese, cfr. o que afirma José d'ENCARNAÇÃO, a propósito da divindade *ILURREDA* (o.c., p. 200 a 203).

Quanto ao *cognomen* que identifica o pai do falecido, LEPIDUS, embora tipicamente latino, não é muito frequente na Península Ibérica: Hübner (GIL II, p. 1085) apenas recolheu treze inscrições com este antropónimo ou seus derivados. A distribuição parece-nos dispersa por toda a Península, com insignificante representação no interior. No conjunto do mundo romano, Kajanto ⁽¹³⁾ recolheu pouco mais de uma centena de exemplos. Em Conimbriga, regista-se um oleiro com esse nome ⁽¹⁴⁾.

Atendendo ao tipo de letra, ao uso do nominativo e à omissão da fórmula *D(iis) M(anibus) S(acrum)*, atribuímos também este monumento ao séc. I da nossa era.

ANTÓNIO J. NUNES MONTEIRO

⁽¹³⁾ I. KAJANTO, O.C. p. 283.

⁽¹⁴⁾ FOUILLES..., II, n.º 185, p. 128.

LEGENDA DO MAPA

Abreviaturas:

- FG = Robert ÉTIENNE e Georges FABRE, *Epigraphie et sculpture (Fouilles de Conimbriga II)* Paris 1976.
H = Aemilius HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim 1869, Suplemento 1893.
ILER = José VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, I, 1971, II 1972.
RIT = Géza ALFÖLDY, *Die Römischen Inschriften von Tarraco*, Berlim 1975.

- 1 — SERPINS (Lousa) (inédito)
- 2 — CONIMBRIGA: *H* 372, *ILER* 4925, *FC* n.º 50; *H* 366, *ILER* 4861, *FC* n.º 39; *FC* n.º 21
- 3 — GOLLIPO (Batalha): *H* 355, *ILER* 4019
- 4 — BEJA: *ILER* 3627 (*)
- 5 — BENGANTEL (Vila Viçosa): *H* 5211, *ILER* 4154
- 6 — MÉRIDA: *H* 5226, *ILER* 5647a
- 7 — CÁCERES: *H* 750, *ILER* 4090
- 8 — VALÈNCIA DE ALCANTARA: *ILER* 5970
- 9 — IDANHA: *ILER* 973
- 10 — IDANHA: *ILER* 4854
- 11 — CÓRIA: *H* 787, *ILER* 4370; *H* 778
- 12 — TALAVERA DE LA REINA: *H* 908, 4274
- 13 — BEJAR (Salamanca): *H* 882, *ILER* 4076
- 14 — SEGÓVIA: *H* 2729, *ILER* 5277
- 15 — HINOJOSA DE DUERO: *ILER* 3236
- 16 — FRESNADILLO (Zamora): *ILER* 2344
- 17 — MORAL: *H* 2625
- 18 — MORAL: *H* 2620, *ILER* 6580
- 19 — VILLALCAMPO (Zamora): *ILER* 6723
- 20 — BRAGANÇA: *H* 2502, *ILER* 4429
- 21 — LAGOMAR (Donai — ■ Bragança): *H* 6293, *ILER* 2298
- 22 — SACOIAS (Baçal — Bragança): *H* 5620, *ILER* 2641
- 23 — CHAVES: *H* 2486, *ILER* 5033
- 24 — S. MARTINHO DE VÁRZEA DO DOURO (Marco de Canaveses): *H* 2376, *ILER* 136 (²)
- 25 — SANTA COMBA (Paredes): *ILER* 5083b
- 26 — CALDAS DE VIZELA (Guimarães): *H* 2405, *ILER* 658; *H* 5557
- 27 — SERZEDELO (Guimarães): *H* 5562, *ILER* 787

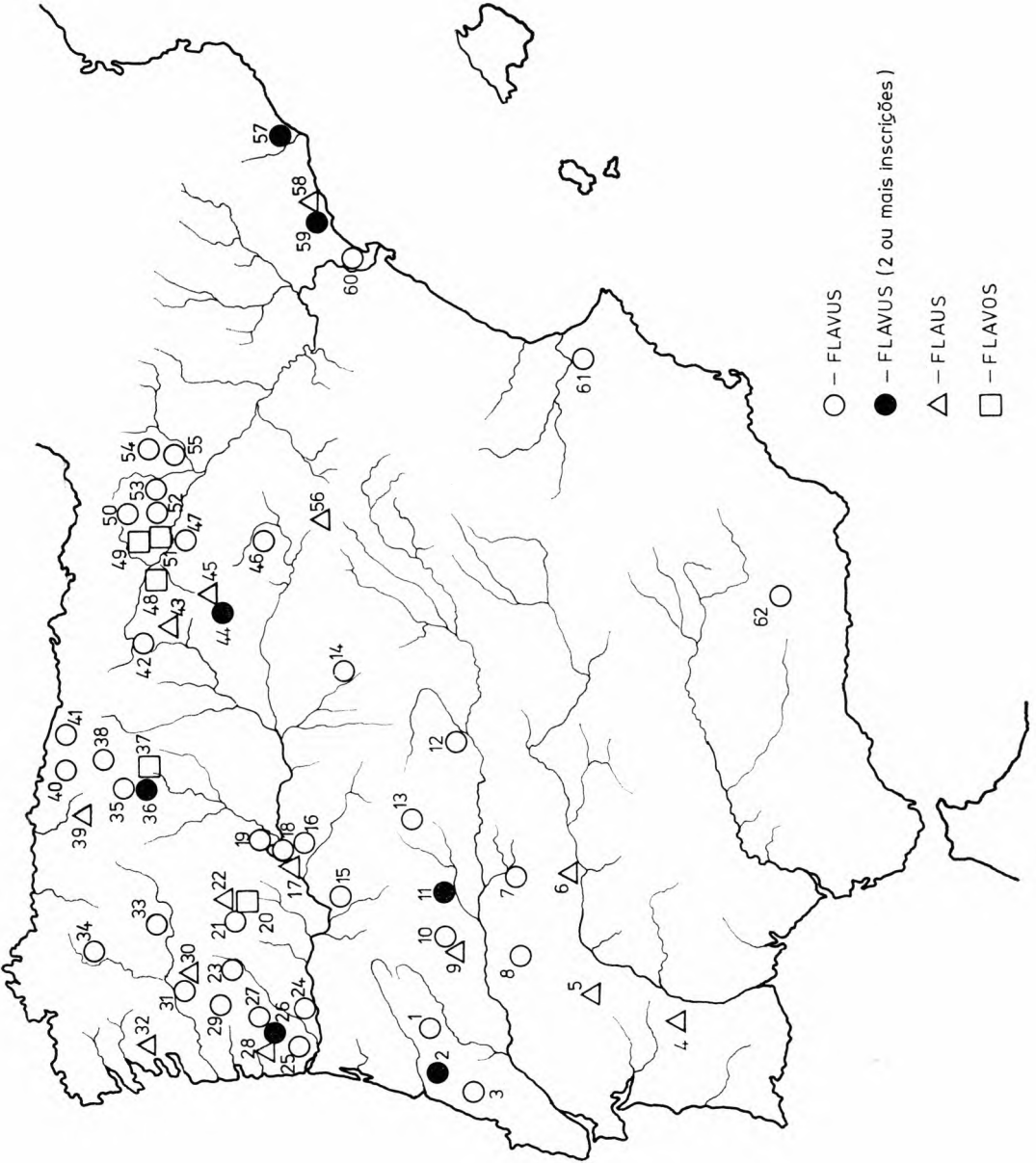
(*) — Na opinião de J. d'Encarnação, esta inscrição não é de Beja, mas sim da província de Cáceres; incluímo-la, pois, com muitas reservas.

(²) No *ILER* é erradamente indicada como sendo de Coimbra.

- 28 — S. MIGUEL-O-ANJO (V. N. Famalicão): 5561, 770
 29 —BANDE: *ILER*63
 30—SANTA EUFEMIA DE AMBIA (Orense): 5977
 31 — ORENSE: *H* 2526, *ILER* 647
 32—SAYAR (Pontevedra): *ILER*985
 33 —PONTE DO NAVIA (Galiza): *I*6340
 34 —POSTIGO Y MIÑA: *H* 5644, 141
 35 — VILLALIS (Léon): *H* 2553 = 2556, 25 = 27 (2 exemplos com os mesmos indivíduos)
 36 —LEÓN: *H* 2669, *ILER*4692; *H* 5688
 37 —LEÓN: *ILER*4498
 38 — PUEBLA DE LILLO (León): *H* 5675, 3500
 39 — ABLANEDA (Astúrias): *H ILER* 5632
 40 — CORÃO (Astúrias): *H* 2712, *ILER* 5436
 41 —LLÉNIN (Astúrias): *H* 5753, *ILE*5847
 42 —SEGISAMA: *H* 5812, *ILER*2825
 43 —CORUNHA DEL CONDE (Burgos): *H* 2774, 17
 44 —LARA DE LOS INFANTES (Burgos): *H* 2864, 5320; *H* 2868, *ILER* 2353; *H* 5800
 45 —LARA DE LOS INFANTES: *H* 2852, 6372
 46—SAN ESTEBAN(SORIA): *H*2814, 192
 47 —TRICIO: *H* 2889
 48 —MIRANDA: *H* 2924, *ILER*959
 49 —SARAZO (Alava): *ILER*6773
 50 — SALVATIERRA (Alava): *H* 2943, 2576
 51— ANGOSTINA (Alava): *ILER*6780
 52— -MARAÑON (Navarra): *ILER* 4746
 53 — ARELLANO (Navarra): *ILER* 5752
 54 — ESLAVA (Navarra): *ILER* 57
 55 —SANTACARA (Navarra): *H*2964, 3469
 56 — BUJARRABAL (Sigüenza): *H* 2847
 57 —BARCELONA: *ILER*5231; *H* 4523, *ILER* 5555
 58 —TARRAGONA: *H* 4332, *ILER*6438, 368
 59 — TARRAGONA: *H* 4168 = 3587, 5619 = 5643, 199; *ILER* 395, *RIT*43; *RIT*210; *H*4192, *ILER* 1323, 330
 60—TORTOSA (Região): *H*4022, *I*4563
 61 — JÁTIVA: *H* 3626, *ILER*5409
 62 —GUADIX: *H* 3395, *ILER* 5517

Não assinaladas por dificuldade de localização rigorosa:

- A LUSITÂNIA (Região de Cáceres?): *H* 950, 5361
 O SAN FRUTOS (Léon?): *H* 5673, 2303
 A SANTA MARIA DE CONDADO (Galiza): 6005
 O FUENTES, mus. S. Vicente: 3502



(Página deixada propositadamente em branco)



1



2